

O ENSINO DE ARTE NO PROCESSO DE INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM TEA

Delzuita Patrícia Sousa Miranda ¹
Marcos Felipe Freitas do Nascimento ²
Ana Claudia Coelho Pereira ³
Iolanda dos Santos Ferreira ⁴
Lindoracy Santos Almeida Amorim ⁵

RESUMO

O presente artigo procurou discutir a importância da arte na vida escolar dos alunos que possuem algum Transtorno de Espectro Autista (TEA), relatando brevemente sobre os benefícios trazidos por essa disciplina em sala de aula, e constatou-se que ela contribui positivamente não apenas na escola, mas sim numa melhor qualidade de vida para eles, uma vez que a arte ajuda de várias formas, dentre elas, a comunicação, e sabe-se que esses alunos possuem dificuldade em se comunicar, e através da arte possibilitou uma melhor interação com a professora, os colegas de turma e a família, visto que o papel da família nesse processo é fundamental. A pesquisa surge da revisão bibliográfica, sustentada pelo aporte teórico, Cunha (2012), Mazzota (1996), Barbosa (1998), dentre outros, com abordagem qualitativa, como resultado da pesquisa destaca-se a importância da arte e as suas contribuições na aprendizagem dos alunos com TEA, potencializando seu elevado desempenho, interações e a inclusão promovida a partir da respectiva área de conhecimento.

Palavras-chave: Transtorno de Espectro Autista, Ensino, Arte, Inclusão

INTRODUÇÃO

Buscando compreender a arte como componente curricular e seus benefícios para o desenvolvimento humano, capazes de promover a interação, comunicação verbal e não verbal, na perspectiva do Transtorno de Espectro Autista, transtorno este que altera o

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, delzuitapatricia887@gmail.com ;

² Graduando pelo Curso de Pedagogia Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão- UEMA, mharcosfelipe@gmail.com ;

³ Graduanda do Curso de Pedagogia Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão-UEMA, anaclaudiacoelho847@gmail.com ;

⁴ Graduanda pelo Curso de Pedagogia Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão-UEMA martha.2iolanda@gmail.com;

⁵ Professor orientador: Especialista, Universidade Estadual do Maranhão-UEMA, lindoracysantos@professor.uema.br.

comportamento humano, onde de acordo com CUNHA (2012, p. 20) “O termo “autismo” deriva do grego ‘autos’, que significa ‘por si mesmo’ e ‘ismo’, condição, tendência”. Considerou-se importante aprofundar-se na investigação e no entendimento das temáticas geradoras “TEA e Arte”, através do presente artigo, a fim de relacioná-los formando o tema: O Ensino de Artes no processo de inclusão de crianças com TEA.

Esse tema surgiu procurando respostas para as seguintes inquietações: De qual forma o ensino da arte pode colaborar com a aprendizagem dos alunos com TEA? Como essa disciplina pode contribuir na vida escolar e social dos alunos que possuem Transtorno do Espectro do Autista? De que maneira a Arte deve ser desenvolvida na escola com o objetivo de promover a inclusão de crianças com TEA?

As questões acima citadas promoveram as discussões e desenvolvimento da pesquisa, a partir do objetivo de analisar como a disciplina de Artes contribui para o desenvolvimento cognitivo e a inclusão social do aluno com Transtorno do Espectro do Autismo no espaço escolar, compreendendo as concepções e principais características do TEA, verificando as contribuições do ensino de Artes na inclusão social dos alunos autistas no espaço escolar, identificando como o ensino de arte auxilia no desenvolvimento cognitivo da criança.

Ao decorrer da pesquisa, fica notório que o ensino da Arte, voltado para crianças com Transtorno do Espectro Autista tem contribuído para melhorar o convívio social, familiar e escolar, no que diz respeito à capacidade de interação e comunicação, e significativamente no processo de ensino e aprendizagem. Pois com o auxílio e orientação dos profissionais, é possível se reconhecer a realidade de cada aluno, seus variados níveis, quais atividades podem ser propostas a partir do ensino da Arte, selecionando os recursos, que melhor atendem suas necessidades, promovendo a inclusão dentro da práxis pedagógica.

Para o presente artigo, realizou-se a pesquisa bibliográfica, com aporte teórico, Cunha (2012), Mazzota (1996), Barbosa (1998), dentre outros. A pesquisa tem abordagem qualitativa, compreendendo a importância da arte e suas contribuições para aprendizagem para alunos com TEA, a partir do breve histórico sobre o surgimento do termo autismo, transtorno espectro autista, relação da família e escola no processo de inclusão de pessoas com TEA no espaço social, o ensino da arte como ferramenta de inclusão desses alunos..

Buscou-se compreender a importância do ensino da Arte no processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças com TEA, pois para professores e familiares compreender sobre as questões, e como essa temática vem sendo explorada, é de grande importância para garantir uma educação inclusiva, pois, a educação inclusiva de acordo com MAZZOTA (1996, p.11):

“[...] É a modalidade de ensino que se caracteriza por um conjunto de recursos e serviços educacionais especiais organizados para apoiar, suplementar. E, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns, de modo a garantir uma educação formal dos educandos que apresentem necessidades educacionais muito diferentes das crianças e jovens”.

Tal afirmativa afasta contradições e preconceitos, implementando de forma correta, de fato e de direito a assistência destas crianças. E a arte e suas leituras na dança, no teatro, na música, na pintura, no desenho, enfim, vem reforçar a qualidade do ensino e aprendizagem e desenvolvimento dos alunos.

METODOLOGIA

Realizou-se uma pesquisa bibliográfica, onde se procurou buscar fundamentos para as discussões e ideias descritas no decorrer deste artigo, as bases de dados que foram usadas para consultas foram: artigos de publicações nacionais e internacionais, dissertações, teses, livros, dentre outras fontes consultadas com publicações de autores renomados que conversam sobre a temática: Cunha(2012), Mazzota (1996), Barbosa(1998), dentre outros.

Pois Segundo Cervo e Bervian (1983, p.55), as pesquisas bibliográficas “buscam conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado existentes sobre um determinado assunto, tema ou problema”. Já no artigo “A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento” (PIZZANI; SILVA; HAYASHI, 2012, p.53- 63), esse método é definido como uma “revisão de leitura” sobre as principais teorias que direcionam o trabalho científico.

A pesquisa tem como abordagem qualitativa, pois segundo Denzin e Lincoln (2006, p.17), afirmam que “A pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo”. Trazendo uma interpretação de mundo, onde os pesquisadores estudam o cenário de forma crítica e reflexiva buscando

compreender os fenômenos em termos dos significados que as pessoas lhes conferem, por meio de representações.

O trabalho buscou compreender como o componente curricular Artes, associado ao fazer pedagógico podem estimular o desenvolvimento das crianças, na compreensão do universo autista bem como os aspectos da interação social, da comunicação e capacidade sensorial motora, promovendo a inclusão escolar e social.

Breve histórico sobre o TEA

Com bases em estudos realizados por pesquisadores de diversas áreas como educadores, psicanalistas e geneticistas a síndrome espectro autista ainda é considerado um tabu pelas suas mutações que ocorrem em diferentes ambientes. Os primeiros estudos sobre este transtorno veio se tornar evidente pelo psiquiatra Leo Kanner em 1943, que considerou a síndrome como um distúrbio autísticos do contato afetivo, por apresentar características comportamentais específicas, sendo a desordem no uso da linguagem e comunicação, a falta de relação com o meio, etc.

Diante disso, muitas pesquisas foram feitas para saber qual a causa específica desse transtorno, e se tinha alguma relação com a esquizofrenia infantil, algo que era raro apresentar-se durante a infância. Perante as publicações de Kanner, chegou-se a conclusão que o autismo seria um quadro clínico único sem apresentar nenhuma evidência com outros transtornos já mencionados na edição DMS-II (manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos mentais). Somente a partir do ano de 1978, que Michael Rutter propôs uma classificação para o autismo.

Esta classificação baseou-se em quatro critérios que Rutter definiu:

- 1- Início precoce durante o desenvolvimento;
- 2- Desordens na comunicação;
- 3- Comportamentos incomuns;
- 4- Falta de interesse em relacionar com o meio social;

Tanto para Tamahana como Perissinoto e Chiari (2008, p. 2) estes critérios podem ser compreendidos em

[...] a perda do interesse social e da responsividade; alterações de linguagem que vão desde a ausência de fala até o uso peculiar da mesma; comportamentos bizarros, ritualísticos e compulsivos; jogo limitado e rígido; início precoce do quadro, [...] antes dos 30 meses de vida.

Com essa definição estabelecida por Rutter que foi um marco na produção de estudos sobre o autismo que influenciou na elaboração do DSM-III em que foi

reconhecido pela primeira vez, subindo para uma nova classificação, que o autismo seria um transtorno invasivo de desenvolvimento (TID), ou seja, transtornos que estão diretamente ligados ao cérebro do indivíduo.

Sendo que o primeiro vestígio que há na utilização do termo autismo foi estabelecido pelo psiquiatra Eugene Bleuler em 1911, que notou a semelhança na sintomologia da esquizofrenia com o autismo por apresentarem os mesmo comportamentos mentais na infância. Sendo que anos depois percebeu-se que não havia nenhuma relação entre as síndromes, então descreveu o autismo como “fuga da realidade” pois pacientes que apresentava o transtorno demonstrava a incapacidade de se relacionar com outras pessoas.

Para Cunha (2012, p.20) o termo autismo provir do grego que referir a ‘autos’, do qual significa ‘de si mesmo’ e ‘ismo’, ‘conceitos ou tendência’. Nas observações que Bleuler realizou em crianças que manifestava característica de solidão, atraso na aquisição na fala e dificuldade motoras, logo relatou com a esquizofrênica pelo o atraso mental e por estarem desligado com a realidade, no entanto distinguir que o autismo já mostrava condições desde a formação do feto.

Conforme as descobertas feitas sobre o autismo, classificaram a síndrome com mais frequência em apresentar em lares com problemas afetivos, por estes ambientes provir de uma situação conturbada e assim gerava o transtorno, porém essa classificação deixou de ser válida pelas pesquisas de Hans Asperger.

E atualmente o autismo passa a ter uma nova classificação, ganhando um termo que é utilizado para definir pessoas com transtorno espectro autistas, estando incluindo na edição DSM-V, na categoria de transtorno neurodesenvolvimento (TND). (apa. 2014).

Transtorno Espectro Autista (TEA)

É cabível mencionar que o autismo faz parte do grupo de TND. Estando inseridos nesse grupo transtorno que se manifesta num período prematuramente, sendo notável logo cedo na criança déficits de desenvolvimento nas condições motoras e funcionais, causando má desenvoltura nas relações com o ambiente e ainda prejudicando com limitações de aprendizagens nas habilidades comuns.

O TEA engloba diferentes condições comportamentais estando marcado por fatores distintos, ou seja, o TEA é mutável gerando diversas alterações de caso para caso. e Segundo a APA (2013) apud Zanon, Backes e Boza (2014, p. 25) menciona que:

[a]s manifestações comportamentais que definem o TEA incluem comprometimentos qualitativos no desenvolvimento sócio comunicativo, bem como a presença de comportamentos estereotipados e de um repertório restrito de interesses e atividades, sendo que os sintomas nessas áreas, quando tomados conjuntamente, devem limitar ou dificultar o funcionamento diário do indivíduo.

Tendo assim, o autismo é visto como uma anomalia que apresenta sérios problemas graves, principalmente na comunicação e na capacidade de ter relações com outras pessoas de forma tradicional. Porém a falta de inserção de pessoas com TEA é ainda mais grave, pois como sabemos essas pessoas também tem capacidade de aprender e saber como reagir em certos ambientes. Vale ressaltar que a constituição assegura a inclusão de pessoas com autismo em todos os ambientes sociais.

Desta forma, castanha (2016, p.30) reafirmar os princípios de inclusão de pessoas com deficiências

[...] estão alicerçados na Declaração Universal dos Direitos do Homem de 1948, na Declaração dos Direitos da Criança de 1959, na Declaração dos Direitos da Pessoa Mentalmente Retardada de 1971, na Declaração dos Direitos das Pessoas Deficientes de 1975 sendo renovado, garantido e assegurando o direito à educação de todos os indivíduos, independentemente de suas diferenças, pela comunidade mundial na Conferência Mundial sobre Educação para Todos de 1990.

Vale dizer que é garantido por lei a inclusão desses alunos nas escolas, independente de qualquer diferença, pois eles podem e devem se estar em qualquer ambiente e que é fundamental que haja uma estruturação para a recepção desses discentes.

Relação família e escola no processo de inclusão de crianças com TEA

Nesse processo é de suma importância a parceria entre família e escola para o melhor desenvolvimento do aluno por meio da observação e compartilhamento de experiências vivenciadas para assim ampliar ou surgir novas práticas pedagogias e estratégias, colocando em ênfase que a criança autista é um ser autônomo e tem suas preferências e opiniões que devem ser lembrado ao ser elaborado o plano de ensino (PEI) de acordo com o seu nível.

Nenhuma criança é uma esponja passiva que absorve o que lhe é apresentado. Ao contrário, modelam ativamente seu próprio ambiente e se tornam agentes de seu processo de crescimento e das forças ambientais que elas mesmas ajudam a forma. Em síntese, o ambiente e a educação fluem do mundo externo para a criança e da própria criança para o seu mundo. (ANTUNES, 1998, p.17)

Os profissionais da escola devem sempre buscar recursos que priorizem o melhor desenvolvimento do aluno com TEA em seu processo de ensino-aprendizagem garantindo os direitos de aprendizagem dessa criança de acordo a BNCC, além de garantir a inclusão no contexto social e escolar em conjunto com a família e a comunidade como afirma a constituição federativa brasileira:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; Art. 208. O dever do Estado com a Educação será efetivado mediante a garantia de: III - atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino;

Para a garantia dos direitos da criança com TEA é necessário uma integração mais efetiva entre escola e família, onde ambas as partes saibam sobre o que é o autismo e quais suas características, já que, ajuda no convívio da criança e adaptação, porém é sempre necessário respeitar as peculiaridades de cada indivíduo, buscar e lutar pela equidade, ressaltando que os pais são agentes fundamentais na educação dos filhos e podem influenciar nas tomadas de decisões.

A IMPORTÂNCIA DA ARTE

A arte está presente na vida do homem desde os primórdios da humanidade, onde desde então há registros dos códigos e desenhos deixados nas cavernas como forma de expressão e comunicação. Atualmente, convive-se diariamente com a arte, seja ouvindo uma música, apreciando um quadro, observando uma foto, recitando uma poesia, assistindo a uma peça de teatro, dentre outras formas, ela esta presente.

Segundo Barbosa (1998, p.16)

“A arte, como uma linguagem presentacional dos sentidos, transmite significados que não podem ser transmitidos

através de nenhum outro tipo de linguagem, tais como as linguagens discursiva e científica.”

Sendo assim, percebe-se que a arte está presente nas várias fases da vida do ser humano, despertando sentidos e sentimentos que não podem ser traduzidos de nenhuma outra forma, se não, sentindo e usufruindo da arte. De acordo com Vygotsky (2001, p.322) “[...] A arte é uma espécie de sentimento social prolongado ou uma técnica de sentimentos.” Percebe-se então, que a arte só tem a despertar o melhor de cada ser humano e está presente na vida de todo indivíduo, e a arte enquanto disciplina proporciona ensinamentos para toda a vida.

Todo o ser humano é criativo, no entanto, é preciso que aja estímulo para despertar essa criatividade. A arte na educação, além de proporcionar aulas mais dinâmicas, divertidas e prazerosas, possuem funções muito maiores, tais como: estimular essa criatividade, possibilitar concentração e foco, senso crítico, improvisação, integração social, comunicação e imaginação. E além dos benefícios já citados, visa formar cidadãos mais conscientes, participativos e com um olhar mais sensível para o mundo, daí sua importância e obrigatoriedade que está expressa em lei.

A disciplina de arte é interdisciplinar, podendo ser associada a outras disciplinas. Possuindo também uma grande parcela na construção do homem como ser social e sua cultura, pois de acordo com Barbosa (1998, pg.16), não entende-se a cultura de um país sem antes conhecer sua arte, visto que a cultura de um país é construída através da arte desse lugar, o que é de suma importância na construção da sociedade, e na ausência desse conhecimento só se conhece parcialmente a cultura desse local.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base dos fatos expostos a pesquisa apresentou uma temática bastante conhecida pela sociedade, porém ainda cercada de tabus, embora haja inúmeros artigos e estudos realizados acerca desse tema. O percurso feito para a realização desse trabalho, que discorre sobre o TEA a partir de uma ótica diferente, de um ângulo mais específico, que é o campo do componente curricular artes, como a referida disciplina pode contribuir para o desenvolvimento da criança autista. As indagações e hipóteses levantadas fez vislumbrar uma infinidade de perspectivas sobre como essa disciplina, ligada a outros fatores essenciais para o bom desempenho do processo de ensino e

aprendizagem da criança com TEA, poderia tornar-se um dos fatores para o alcance de resultados positivos no ato de ensinar e aprender.

As abordagens metodológicas no ensino de arte, que possa viabilizar a aprendizagem da criança com autismo, foram tratadas de forma sintetizada e clara. Foi possível identificar que o ensino de artes através de materiais lúdicos contribui gradativamente para o desenvolvimento da interação da criança com o professor e com os outros alunos, contribuindo para a sua socialização dentro e fora do ambiente escolar. Pois, tal metodologia ajuda na construção da comunicação, um fator essencial a ser trabalhado.

Seguindo o raciocínio o Ministério da Educação (BRASIL, 2002) classifica “As Artes como linguagem é a área de conhecimento, possibilita o desenvolvimento global do ser humano e a relação inter e intrapessoal, na busca da identidade e do exercício da cidadania”. Ou seja, a arte é um área de conhecimento que abrange toda a diversidade de forma plural sem nenhum preconceito.

De acordo com Soares:

“O mundo das imagens traz uma significativa contribuição na mediação do autismo com o mundo. A arte tem neste universo imagético um grande aliado, no uso da imagem como instrumentos mediadores do conhecimento, podemos observar resultados significativos.” Soares (2008, p.1440)

A arte pode proporcionar além dos benefícios já elencados, imaginação, percepção, cognição, sensibilidade, enfim, formas que facilitam a interação e inclusão das crianças autistas no ambiente escolar. De acordo com Mazzota (1982, p.10) a educação especial visa proporcionar igualdade e oportunidade a todos, onde as instituições tem que atender a cada um, apesar das diferenças de cada aluno por maior que elas sejam.

Ressalta-se, também, a relação família-escola, como uma das peças a se encaixar nas abordagens educacionais, pois, é notório que as informações trocadas entre pais e professores permitirão a elaboração de um plano de aula mais próximo da realidade da criança autista, tendo em vista que o trabalho executado por essa disciplina se estende para fora do ambiente escolar, sendo executado, também, em casa com os pais. Eis aí a importância dessa relação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabendo-se que o autismo possui diversos níveis que varia do leve ao mais severo, conclui-se que o ensino da arte contribui no processo de desenvolvimento das crianças com TEA de forma significativa, uma vez que dentre as dificuldades enfrentadas por esses alunos, está a de socialização, mas que quando detectado e tratado podem e devem inserir-se em sociedade.

A arte para o aluno autista pode contribuir tanto no convívio escolar, familiar e social, proporcionando inclusão, igualdade e oportunidade a esses indivíduos. No ambiente escolar, essa disciplina pode ser uma ferramenta para auxiliar os professores a trabalhar com eles de maneira lúdica, incluindo-os e respeitando as suas limitações, dessa forma desconstruindo certos preconceitos a cerca do autista.

Dado o exposto, a arte está presente na vida de todo indivíduo em diversas manifestações, e ela enquanto disciplina auxilia não apenas nos benefícios já elencados mas também proporciona descobertas e conhecimentos que esses estudantes levarão para a vida, é importante ressaltar a importância da família nesse processo, pois nesse processo de aprendizagem desses alunos ambos devem caminhar juntos.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION- APA. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais- DSM- 5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

American Psychiatric Association. (2013). Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM-5). Retirado de <http://www.appi.org/Pages/DSM.aspx> em 28/07/2013.

ANTUNES. C. Jogos para estimulação das múltiplas inteligências. 9ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

BRASIL – Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Estratégias e orientação sobre artes / respondendo com Arte às necessidades especiais. Brasília, dez., 2002. (Documento do Ministério da Educação)

BARBOSA, Ana mãe. **Tópicos Utópicos**, Belo Horizonte, editora c/arte, 1998.

CASTANHA, J. G. Z. Trajetória do autismo na educação: da criação das associações à regulamentação da política de proteção (1983-2014). 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Cascavel, Cascavel,

2016. Disponível em http://tede.unioeste.br/bitstream/tede/3388/5/Juliane_Castanha2016.pdf. Acesso em: 5 nov. 2019.

CERVO, I.; BERVIAN, P.A. Metodologia Científica para uso dos estudantes

CUNHA, Eugênio. Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. Rio de Janeiro: Wak, 2012..

CUNHA, Eugênio. Autismo e inclusão: psicopedagogia práticas educativas na escola e da família. 7 ed. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2017.

Kanner L. Autistic disturbances of affective contact. Nerv Child. 1943;2:217-50. (Acta Paedopsychiatr. 1968;35(4):100-36)

MAZOTTA, **fundamentos de educação especial**. São Paulo: Pioneira, 1982.

MAZZOTA, Marcos. José Silveira. **Educação especial no Brasil: história e políticas públicas**. São Paulo: Cortez, 1996, 208 p.

PIZZANI, L.; SILVA, R.B.; HAYASHI, M.A Arte da Pesquisa Bibliográfica na Busca do Conhecimento. Revista Digital de Biblioteconomia e Ciências da Informação, Campinas, v. 10, n . 01, p. 53- 63, jul/ dez 2012.

SOARES, R. **O autismo, a arte e o ensino regular: uma convivência possível?** Anais do 17º encontro nacional da associação nacional de pesquisadores em artes plásticas, Panorama da pesquisa em Artes visuais Florianópolis p. 1437-1447, 2008.

Rutter M. Diagnosis and definitions of childhood autism. J Autism Dev Disord 1978;8(2):139-61

TAMANAH, A. C.; PERISSINOTO, J.; CHIARI, B. M. Uma breve Revisão Histórica Sobre a Construção dos Conceitos do Autismo Infantil e da Síndrome de Asperger. Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 296-299, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsbf/v13n3/a15v13n3.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2019.

VYGOTSKY, Lev. **SPsicologia pedagógica**. Porto Alegre. Artmed, 2001